

Tinham nascido quando já nos prados amarelos rebentava a flor arguta cujas oito pétalas bifurcadas intumescem por efeito do orvalho. Tinham nascido com os seus vagidos ásperos, e a penugem escura e oleosa ao longo da coluna vertebral. Apresentavam membros finos e ventres inchados; o pai sorriu-lhes, deixando correr algumas lágrimas dos olhos esbranquiçados da muita idade. «Felicitamos-te, tens uma nova estirpe» — disseram os amigos. Job, o patriarca, abanou a cabeça com doçura e duma forma bastante enigmática, o que levantou no coração dos outros uma pequena vaga de escândalo, fria, breve e circunspecta. Mas Job estava quase surdo, não os ouvira muito distintamente. Era um homem experimentado como nenhum outro e em cujas veias a alegria secara. Sofrera muito, vira os seus gados tresmalhados, os parentes reduzidos a cinzas, os campos enegrecidos pelas hordas em pilhagem. Esses mesmos amigos, de compridas levitas de lã preta e que lhe dirigiam palavras jubilosas, tinham vindo outrora observar a sua miséria, admoestando-o e proferindo salmos precipitados. Nas bocas sumidas a serpente vermelha emudecera, e era com pacificação e até alívio que eles contavam os cortiços de mel debaixo dos novos cedros. «Felicitamos-te» — disseram, em coro. Pegaram nos seus bordões, depois duma última refeição de manteiga e carne de cabra cozida na cinza, depois dum último olhar ávido às tendas de panos listrados, às mulheres de seios opulentos, aos redis onde o gado se comprimia, balindo, mugindo e soprando a poeira amarela do deserto — eles levantaram-se e partiram. Elifaz de Theman voltou-se

ainda para trás e, depois dum silêncio duvidoso, levantou a mão e repetiu: «Fica em paz...» Mas no fundo do seu ser estava humilhado porque o Senhor o repreendera; os sete toiros e sete carneiros que levava a Job como penitência acrescentavam a sua humilhação, porque era em extremo avaro e, muitas vezes, as suas virtudes nasciam do próprio egoísmo.

Era uma tarde branca e sem sol na terra de Hus, ou, pelo menos, deixai-me supor assim. Job ficou sentado à porta da sua tenda, vendo os três amigos que se afastavam. Os campos em cujas valas corria a água, as vozes das raparigas que voltavam dos poços com as suas bilhas enegrecidas de limo, o cheiro do vento fecundante, não podiam acender nele o entusiasmo. Estava cansado. Quando limpava com um caco as suas feridas e os amigos vinham contemplar gravemente a sua desgraça; quando vira no chão fumegante o sulco deixado pelos esquadrões dos caldeus; quando chegara ao círculo do festim, onde os filhos, com as taças cheias na mão, tinham sido esmagados pelo ciclone, as vigas colossais, as areias revoltas — ele não estivera tão perturbado e triste. Chorara e inclinara-se com simplicidade na terra nua e devastada; com a sua escudela de farinha em cima dos joelhos, esperara pacientemente a morte e nunca pudera abrir à cólera e ao espanto o peito atribulado. Depois de tantas provações o Senhor voltara outra vez o rosto para ele, limpava o seu corpo da lepra, cobria os campos de vinhas novas, duplicava-lhe as riquezas, dava-lhe outros filhos e filhas. Mas era isto justo? As velhas chagas fecham, mas fica sob a pele uma zona sensível, mais pálida e onde dormita a dor. Toda a cura traz uma precaução, todo o sofrimento tem o seu lado infame, que é impedir a surpresa. Muito grande era a alma de Job, o poeta da obediência; ele vivera sempre predisposto para a desgraça, suspirava sempre antes de levar à boca o pão, e desviava os olhos diante da formosura das próprias filhas, para que o orgulho não o tocasse. Nesse tempo, enquanto possuía os bens da terra e duvidava deles, ou depois, quando ficou reduzido à maior penúria e animou o seu coração com a única perseverança, a da humildade, ele era um homem de fé. Eis que o Senhor o recompensava com nova prosperidade, os parentes vinham de longe trazer-lhe presentes, os amigos apareciam para corrigir as censuras que lhe tinham dirigido. Ouvia os vagidos dos filhos recém-nascidos, o vinho esbordava das talhas;

o vento trazia o cheiro da flor do cacto, que só floresce uma vez, bela, com a sua carne rígida e solene. As searas cresceriam, a geração feliz cresceria também, destinada à paz, aos negócios e aos prazeres. Mas Job lembrava-se do tempo das tempestades, do tropel dos caldeus e dos seus gritos de destruição; lembrava-se do tempo em que a sua própria mulher vinha apresentar a sua miséria, como um vil espectáculo, aos amigos emudecidos de assombro. Ele resistia, o seu coração valente resistia, tirando da morte o sustento e da areia seca a consolação! Era outra vez honrado na terra de Hus, os reis calavam-se quando ele falava na praça, a nova esposa ungia-lhe a cabeça com bálsamo. Sentado à porta da sua tenda, pela primeira vez Job experimentava uma tentação — a de desprezar a fácil tranquilidade dos seus últimos anos, a de voltar os olhos para o luto, o medo, a funesta mensagem donde as suas mais altas razões tinham brotado.

*

A cidade em que vivemos é a cidade que mais se ignora. Prontos estamos a admirar o crepúsculo romano, a sua luz violeta e avermelhada, a transparência opalina que aflora os túmulos da Via Ápia Antiga e a confiança doce dos pinheiros mediterrâneos. Ninguém se lembraria de subir ao terraço dum palácio de Roma para cismar no funesto episódio da Ponte das Barcas, do rio Douro, quando o Tibre está a seus pés e com ele a legenda dos doze Césares. Pensamos em tudo, nos embaixadores de Aníbal trazendo propostas de paz, nos tumultos da plebe, nos incêndios que parecem ter ainda ontem lambido as ruínas de barro; não pensamos no bairro onde durante vinte anos vimos transformar-se uma geração, nos largos melancólicos que mal olhamos e onde há talvez uma igreja, uma lápide ou varanda onde a chuva criou milhentas cabecinhas de musgo, vivas e petulantes. É preciso ser ocioso e talvez quase pobre, para conhecer a cidade em que se vive. Percorrê-la a pé, sem entrevista marcada ou hora de ponto, sem cuidar num amigo que nos salve dum capricho errante e nos conduza com segurança e método à mesa dum café. É preciso não ter amigos para amar uma cidade, para lhe pedir conselho e lhe dar a mão, para a tomar como amante e dedicar-lhe os nossos segredos, perplexidades e invenções.

O Porto é uma cidade do entardecer e uma presa nocturna. A sua tarde de Inverno, duma palidez que lentamente se tinge de roxo, em que o ar parece filtrar o trémulo dos sinos, o bater das asas das pombas que não se vêem e que se abrigam nas cornijas dos templos, essas tardes sem vento em que os pingos de chuva são trazidos das nuvens, não nos caem em cima, resvalam, voam, desaparecem, são perfeitas, cúmplices e importantes na nossa vida. Mas o escurecer de Verão, quando as luzes verdes de néon tardam a acender-se no seu resplendor progressivo, e certos becos têm ainda a tortuosa mansidão de velhos quintais, com a sentinela apagada das casas onde os vidros se foram partindo e esperam, nos seus andrajos de reboco solto, o último golpe urbano — no Verão, à noite, a cidade pode comunicar uma emoção maior, mais duradoira, mais quotidiana. Tudo extravasa, tudo se abre à frescura da tarde, tudo se desoprime da obrigação compulsadora dos interesses. Enchem-se as cervejarias, a casca parafinada do tremoço cobre o chão como *confetti* já gastos; um arrepio percorre as copas dos plátanos, não é frio nem vento, é o dilatar do próprio ar no fim dum dia de calor. As luzes dos lugres e dos vapores dançam na água, podia-se caminhar por elas como por cima de golfinhos. Mais para tarde, quando nos cais não houver senão os vigias que desentocam detrás dos barris negros com o seu modo furtivo, então toda a cidade perece, fecha-se, dá lugar aos pequenos ruídos, à boga que salta, ao suspiro que convida, ao bater de remo clandestino, ao uivo da sereia que derrapa nas avenidas, ao rápido som duma garrafa estilhaçada, ao grito do suicida que se precipita, ao silvo adormecido dos comboios mercantes. Nos vãos dos prédios, os ardinhas, dobrados como caranguejos, esperam as primeiras tiragens; e através de saquões envidraçados, duma imundície fosca de farrapo, de fio de papel, distinguem-se os linotipistas com as suas palas pretas, e o rumor das máquinas de imprimir é como o dum coração carregado e ininterrupto.

No terreiro da Sé, à meia-noite, é como se os mestres sineiros dessem um sarau de carrilhões, de finos tinidos, de badaladas régias, de golpes rachados e ameaçadores. Um sino ao longe expande a voz de soprano, segue-se o baixo profundo duma igreja cujos azulejos azuis brilham sob a poeira. Os Congregados, São Francisco, os Clérigos, rechinam, cantam, dobram, solfejam; e uns chinelos, de cujo tacão picam os pregos, descem as cangostas, num passo honesto de

doméstica que recolhe. Os anúncios das casas exportadoras despedem feixes verdes, na ponte diminuiu o trânsito, partiu-se em muitos pontos a fita de carros, e os tróleis vermelhos passam como elevados por um fio de aço. A meia-noite é ainda uma coisa sagrada e medieval no terreiro da Sé, tão só, tão despida de idade, tão pousada sobre a cidade como um palco dos altos num teatro do mundo, pronto ao desfile da vaidade e da arrogante abastança.

Mas quem quiser que continue a digressão e o pasmo nocturno, que presencie luares, suspeite os maciços planos de Gaia, encontre a alvura do Cabedelo onde espumam as vagas. Naquela janela — caso extraordinário! —, naquela janela duma casa amarela, com um jogo de mansardas e chaminés a coroá-la como gemas no diadema da Virgem de Fouquet, vemos um rapaz que estuda, que lê, que parece tomado de parentesco com a noite, de tal modo se aproveita do silêncio morno e da fachada sem imaginação que tem por diante. Porque falamos em caso extraordinário? Primeiro, a casa, duma cor a que se chamou furlana no começo do século ou, mais exactamente, quinze anos depois: era uma dessas mansões quadradas cujas paredes-mestras parecem equilibrar-se na esquadria das janelas, de tal maneira são rasgadas por consecutivos ventanais. Moradia dum honrado ourives ou comerciante de cristais que ali viveu com as suas onze filhas, a governanta inglesa e um herdeiro que estudava Engenharia na Bélgica, tornou-se numa ruína, com o seu quê de monumental e esquivo no meio do cimento armado e da luz piscadora dos anúncios. Umaz vezes caída no recurso da pensão cujos lençóis são o último expediente dos hóspedes capazes de empenhar os cordões dos sapatos, ela abate lentamente, como se o terreno fosse cedendo sob os alicerces. O reboco vai caindo, cria um vão onde se escondem os ratos; as chaminés inclinam-se, há uma quantidade suspeita de vidros foscas nas janelas. No jardim, continua a florir a grande magnólia branca; mas é inútil — toda a gente passa debaixo dela sem aspirar o ar, passa com uma rapidez surda, carregando as malas de papelão e fingindo não ver o mandarete de surrada farda cinzenta que estende a mão para indicar o caminho. Um dia, uma artéria é traçada, a casa é cortada de meio a meio; durante um mês, cinco meses, vemos o papel com flores castanhas, dum quarto, a mancha dum quadro ou dum espelho que ali estiveram pendurados durante muito tempo.